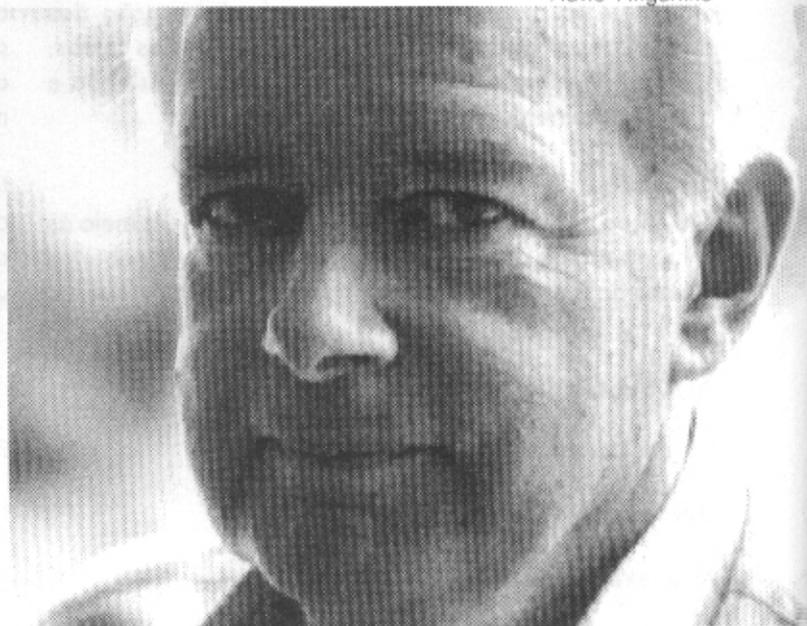


Entrevista: Leandro Konder NEM TAMBORES, NEM CLARINS

Flávio Pingarilho

ANDRÉIA LUNA DE OLIVEIRA, MARIA CECÍLIA T. BRANDI,
MELISSA ROCHA COLACINO E RAFAEL PERES ARRAS

Com o avanço do processo de Globalização nos anos 90, a crise se instala não apenas nas fronteiras nacionais, mas também nas ideologias, nas culturas e nos projetos particulares



Leandro Konder: a utopia, como expressão artística, atende a uma demanda de grandeza.

Em entrevista à *Eclética*, o filósofo Leandro Konder, professor do Departamento de Educação da PUC-Rio e autor de vários livros, entre eles "Fourier – Socialismo do Prazer", analisa de forma geral os anos 90. Modesto e procurando não generalizar em suas respostas, Konder fala sobre os temas mais marcantes desses últimos anos. Para ele, diante da nossa extensa pauta de questões, só não fizemos perguntas sobre tambores e clarins.

Eclética: Para o senhor, o que marcou os anos 90?

Leandro Konder – Há muitas avaliações possíveis de ângulos diferentes. Para mim, o acontecimento mais importante dos anos 90 é a derrocada dos Estados nos quais vinham sendo realizadas as experiências socialistas. A URSS acabou, a China está experimentando uma combinação absolutamente esdrúxula entre controle estatal autoritário e economia de mercado. Cuba permanece isolada e sem

influência em âmbito mundial. Tudo isso afeta gravemente o prestígio dos ideais socialistas e as forças conservadoras e correntes liberais tiram um óbvio proveito dessa crise.

E: O mundo está passando por uma fase de transição na qual valores e conceitos estão sendo redefinidos. As ideologias também? Ou elas se diluíram?

LK – Estou trabalhando muito este tema das ideologias ultimamente, com a preocupação de resgatar a riqueza da questão proposta por Marx. Acho que o conceito de ideologia aponta para o problema e propõe solução para ele. As soluções de todos os autores, inclusive de Marx, me parecem todas muito discutíveis, mas o problema é fascinante. Está na indagação de por que e como o conhecimento sofre distorções. As distorções ideológicas estão se tornando cada vez mais sutis e perigosas, sobretudo em decorrência do crescimento da indústria cultural. Ideologia não é mentira,

pois pressupõe conhecimento, tem um certo poder de persuasão. Ela atinge todo o mundo. Só que, hoje, a ideologia não é explícita, não vem do discurso, está embutida na própria prática.

E: Hoje, como militante desidiado do PT, o senhor se sente desiludido com o rumo que a política tomou no mundo?

LK – Me sinto obrigado a repensar os termos nos quais propostas políticas eficazes de transformação da sociedade precisam ser encaminhadas. Não adianta repetir fórmulas desgastadas.

E: Os jovens tiveram um papel importante durante a ditadura militar. Como o senhor vê a atuação dos jovens desta década?

LK – Qualquer generalização é arbitrária e, nesse caso, a generalização do papel dos jovens como um todo seria ainda mais arbitrária do que as outras, visto que a diversidade dos jovens no mundo não é conhecida. Vemos uma parte muito pequena e acreditamos falar de 100%.

ECLÉTICA

2 - AGO/DEZ 1998

Há jovens alienados e jovens que trazem um fermento crítico e inovador que me parece precioso.

E: Dá para se falar em ideal político à medida que crescem as alianças entre os partidos e a quantidade, cada vez maior, de candidatos fabricados pelo marketing político?

LK - Na vida política, alianças e acordos são tão necessários quanto os conflitos. Neste momento, na sociedade brasileira, as condições favorecem o aumento do espaço das manobras oportunistas. Mas isso não é motivo para um total abandono dos princípios e das aspirações que se manifestam nos ideais. Precisamos reagir contra os estragos tanto na crise política quanto na crise ética.

E: As mudanças nas leis trabalhistas estão redefinindo o papel do Estado nas relações capital-trabalho. Qual seria a alternativa da esquerda para se adaptar ao novo modelo econômico?

LK - A esquerda tem que se adaptar às novas condições de luta, uma luta na qual existem conflitos, mas também acordos. Isso não quer dizer que ela tenha que se adaptar ao novo modelo econômico, pois acho que em certos aspectos essenciais a esquerda deve questionar este modelo econômico. A esquerda tem que encaminhar uma alternativa, por isso acho que o socialismo com nova cara, novo programa, vai reaparecer, porque ele é a fonte de onde pode se sair um novo modelo alternativo, global. Não digo que a terceira via seja inteiramente inócua. Ela pode trazer algo de positivo, mas no todo, é limitada por não encaminhar uma alternativa global.

E: A década de 90 é rotulada como aquela em que, na moda, na literatura e nas obras de arte, pouco surgiu de novo. O senhor concorda que esta década é marcada por uma colagem desconexa e fora de contexto do que havia sido criado no passado?

LK - A arte e a literatura da década de 90 acentuam uma característica que vem se manifestando com uma força cada vez maior ao longo de todo o século XX. Esta característica é a de uma certa vocação para a paródia. Os artistas do presente parodiam os artistas do passado e acabam parodiando a si mesmos. É o clima de uma certa resignação ou de uma revolta impotente em face da fragmentação criada à nossa volta e que tem sido chamado de pós-modernidade.

E: A música brasileira tem se caracterizado pela regionalização (música popular carioca, música popular de Pernambuco, etc) e cada estilo é classificado como um movimento. Enquanto isso, o cinema volta, com força, a ser nacional. Para o senhor a que se deve essa diferenciação na arte brasileira?

LK - Não estou em condições de fazer uma análise da cultura brasileira como um todo. Nem sei se tem alguém no Brasil hoje, em condições de fazer esse balanço, pois para isso exige um domínio enorme do material empírico. Mas a minha impressão é a de que há uma certa insatisfação com algumas características impostas, em nome da universalidade, pelo processo de globalização. A globalização impõe, usando a indústria cultural, padrões e critérios que muitas vezes sufocam a diversidade regional e nacional. A reação deste pólo contra a padronização da indústria cultural é justa e positiva pois a universalidade é a unidade na diversidade e não contra a diversidade, como tem sido.

"A esquerda tem que se adaptar às novas condições de luta, uma luta na qual existem conflitos, mas também acordos".

Leandro Konder

E: O senhor acredita que exista um paralelo entre os avanços tecnológicos desenfreados e, por outro lado, o enorme crescimento do mercado de livros de autoajuda, produtos esotéricos e terapias alternativas?

LK - Pode ser que exista. São indagações que se formulam e eu endosso. Acho que é uma crise cultural, política e econômica, onde tudo se mistura. Espero que haja uma proposta política de ação, que tenha uma essência transformadora. As diferenças entre países, classes e setores da sociedade internamente estão todas se agravando muito e criando situações dramáticas. O complicado é transformar esse processo que cria um abismo entre grupos humanos, em um outro processo que permita uma aproximação desses grupos. Coisa que não pode ser feita contra o interesse material dos mesmos. É preciso que haja uma força organizada capaz de exercer pressão para obter esse

resultado. Nós não podemos nos contrapor ao desenvolvimento ideológico e tecnológico. Mas algumas pessoas tiram vantagens grandes desse desenvolvimento, ao passo que outras pessoas estão sendo prejudicadas.

E: Nós estamos vivendo um deslumbramento em relação às novas tecnologias?

LK - A tecnologia assusta algumas pessoas e hipnotiza outras. Ela tem o caráter de novidade, o que impressiona muito. Existem pessoas que ficam deslumbradas com a internet, chegando a passar boa parte de suas vidas em frente ao computador. Não dou muita importância a esse fenômeno, acho que isso é passageiro. As tecnologias acabam sendo assimiladas, o que serve é aproveitado e o que não serve, depois é descartado.

E: O crescimento rápido das novas formas de comunicação está criando uma distorção entre quantidade de informação e qualidade de informação?

LK - As novas formas de comunicação se inserem entre esses avanços tecnológicos do qual nós estamos falando. De acordo com a experiência histórica, vai haver uma seleção, onde as inovações vão ser filtradas. Novas formas de comunicação que serão digeridas, e outras que depois de usadas freneticamente serão descartadas. Não se pode prestar todas as informações a todo mundo, o tempo todo. No processo de comunicação, tem sempre alguém exercendo o poder de selecionar a informação. E esse poder significa uma convivência com alguns interesses que não são os da humanidade e sim de determinados grupos da sociedade. Temos que lutar permanentemente por um valor essencialmente democrático. A manipulação existe, é inevitável, e eu não quero acabar com ela. A linguagem das imagens, por exemplo, faz a cabeça das pessoas. Não que seja contra a linguagem da imagem, ela é fundamental, pois nos dá algo que a linguagem discursiva não dá. Mas se ela substitui a linguagem discursiva, não é o conhecimento humano que está ganhando com isso. Na profissão de comunicador, o sujeito deve ter uma posição de princípio bem definido no sentido de utilizar uma linguagem que seja por si mesma suficiente. ◀